

## SEGUINDO AS PEGADAS DOS RATOS: IMERSÃO, APRENDIZADOS E TRAVESSIAS EM BUSCA DA LENDA DE HAMELIN (ALEMANHA)

Leandro Alves da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** No artigo o autor apresenta sua pesquisa sobre os contos de fadas a partir de uma imersão estética, poética e investigativa na cidade de Hamelin (Alemanha), cenário da famosa lenda “O Flautista de Hamelin”. A partir dos aprendizados das andanças pela pequena cidade, o pesquisador funde-se à sua própria pesquisa sobre os contos de fadas universais, orientado pela melodia irresistível da curiosidade e das descobertas pessoais. Perscruta o sentido do “fatum” ou do destino nos contos universais e a partir da lenda de Hamelin, apresenta as principais características dos contos universais que sustentam o mistério de suas origens e a sua imortalidade, sempre se renovando e iluminando as inquietações da contemporaneidade. O autor ilustra o artigo com fotografias, diário de bordo, mapa e anotações – testemunhas destas andanças e de suas próprias inquietações e transformações e, por fim, revela os aprendizados desta sua condição de viajante-pesquisador. O sentido da viagem revela-se entre a partida e a chegada, muito mais nas indagações e nos encontros vividos do que nas respostas encontradas.

**Palavras-chaves:** Relato de viagem. Diário de viagem. Contos de fadas. Contos universais. O flautista de Hamelin.

**ABSTRACT:** In the article the author presents his research on fairy tales from an aesthetic, poetic and investigative immersion in the city of Hamelin (Germany), scene of the famous legend "The Pied Piper of Hamelin". From the learning of the wanderings through the small town, the researcher merges with his own research on the universal fairy tales, guided by the irresistible melody of curiosity and personal discoveries. It examines the meaning of the "fatum" or fate in the universal tales and from the legend of Hamelin, presents the main characteristics of the universal tales that sustain the mystery of its origins and its immortality, always renewing itself and illuminating the restlessness of contemporaneity. The author illustrates the article with photographs, log book, map and notes – witnesses of these wanderings and their own anxieties and transformations, and finally reveals the learning of this traveler-researcher. The meaning of the journey is revealed between departure and arrival, much more in the inquiries and encounters experienced than in the answers found.

**Keywords:** Travel report. Trip diary. Fairy tale. Universal tales. The Pied Piper of Hamelin.

*Escondidas nos contos de fadas estão  
inquietações que todos nós já sentimos e soluções  
para problemas que parecem enormes.*

---

<sup>1</sup> Artista bonequeiro e diretor teatral. Mestrando em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS). E-mail: leandrosilva.bonecos@gmail.com

*Um dos elementos desnorteantes do folclore é a contemporaneidade dos milênios. A possibilidade de existir, atual e visível no presente, algo que conta milhares e milhares de anos.*

Câmara Cascudo

## **1 Para início de conversa: Colocamos os pés em Hamelin!**

Era uma manhã de 23 de maio de 2016, nublada e com cerração, quando eu e o meu amigo e guia, padre Ludwig Laaber, descemos numa estação de trem em Hamelin (ou Hameln, como padre Ludwig insistia em me corrigir o tempo todo). Foram cerca de seis meses de preparativos e insistências até que ele, companheiro de outras aventuras quando morou no interior do Piauí, decidiu que me acompanharia a Hamelin. A partir de então, não tive mais com que me preocupar muito: virginiano torto cuidou dos bilhetes aéreos e de trem, as conexões, as travessias necessárias até chegarmos nesta pequena cidade da Alemanha, do Norte e ainda pouco explorada pelo turismo internacional<sup>2</sup>.

Mas o que me levou a Hamelin?

Desde 2014 estou imerso numa empreitada pessoal e investigativa sobre os contos de fadas universais, sobre o que são estas narrativas e o que elas guardam de mistérios, aprendizados e descobertas sobre a nossa própria humanidade. No entanto, o meu contato com estas narrativas vem desde a infância, quando no bairro Santa Luz, na cidade de Canto do Buriti, no sertão do Piauí, cresci ouvindo essas histórias fantásticas. Especialmente na voz de Dona Catarina, uma anciã à época de seus 80 anos e que

---

<sup>2</sup> Ao fim da nossa viagem, padre Ludwig agradeceu. Austríaco de Salzburgo, com muitas viagens pela Alemanha, nunca se dera conta da existência de Hamelin e da lenda do flautista. Avisou que voltaria à cidade ainda mais uma vez.

reunia um grupo seletivo de crianças do bairro, dispostos a ouvir suas histórias. Eram viagens de tarde inteiras, onde a “vó Catarina” narrava, encenava e demonstrava suas histórias, sempre com finais inusitados e aprendizados para uma vida de sabedoria, onde nem sempre o bem vencia, mas sempre prevalecia a sagacidade e a astúcia no momento de fazer escolhas em momentos decisivos das narrativas. Este encanto primeiro, cultivado nas rodas de crianças ao redor de vó Catarina, sempre me acompanhou. E em alguma medida me levou para o teatro, a literatura e a investigação científica, ligas ou não a uma instituição.

Em 2015, estreei o projeto cênico “Grimm para os Pequenos”<sup>3</sup> com o objetivo de adaptar para o teatro de bonecos, a partir dos originais, contos de Jacob e Wilhelm Grimm, os irmãos Grimm. Em 2016, muito por incentivo de outros artistas e educadores, inaugurei o projeto de curso intensivo “Contos de Fadas e suas Origens” com o objetivo de partilhar esta caminhada pelos contos universais e retroalimentar esta pesquisa pessoal. De uma experiência despreziosa, o “Grimm para os Pequenos” segue em cartaz até hoje e o curso “Contos de Fadas e suas Origens” chegou a uma 3ª edição, muito mais por demanda do que por vontade pessoal minha, o que denota o incrível interesse das pessoas pelos contos de fadas, que eu prefiro chamar “contos universais”, por razões que esclareço mais adiante. Juntando todas estas experiências, passei ainda a preparar um livro sobre estas ideias colhidas, criadas e/ou compartilhadas sobre contos de fadas e preparar um projeto de tese para uma futura tentativa de ingresso num programa de doutorado.

Foi no desenrolar de uma série de boas coincidências que planejei a ida a Hamelin: em maio de 2016 aconteceu o World Puppet Festival na cidade de San Sebastian na Espanha, que decidi ir acompanhar e participar de um simpósio. E aproveitei então para chegar muito antes, para rever um amigo de longa data, o padre Ludwig Laaber em Viena e aproveitar para conhecer a cidade de Hamelin na Alemanha, primeiro para celebrar nossa amizade de tantos anos e percalços (a gente merecia achar-se e perder-se, fora dos contornos de uma cidade conhecida<sup>4</sup>) e, segundo, para entrar em

---

<sup>3</sup> Sobre este trabalho, acessar: <<http://culturadigital.br/grimmparaospequenos/>>.

<sup>4</sup> E a bem da verdade, sem falar alemão e com um inglês muito primário, Padre Ludwig foi essencial como guia e tradutor nas andanças por Hamelin, mesmo que seu português seja bastante sofrível. Como ele mesmo declarou tantas vezes, dos quatro idiomas que ele aprendeu, inclusive um dialeto africano, o português sempre foi seu maior desafio.

contato com o lugar de um dos meus contos de fadas preferidos e objetos de algumas análises e investigações bem pessoais: o Flautista de Hamelin.

E lá fui: de Porto Alegre para São Paulo, de São Paulo para Munique (e quase perco conexão), de Munique para Viena (por alguns dias na companhia de padre Ludwig Laaber) e finalmente chegamos a Hamelin (depois de uma conexão/ parada em Hanover).



Figura 1 - Início na “Pegada dos Ratos”.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Colocamos os pés em Hamelin. Aqui o ponto que eu e o padre Ludwig Laaber escolhemos para começar pela “Pegada dos Ratos”. Mas não há exatamente um início e um fim. Você pode começar rizomaticamente de onde quiser, e começar de novo de outros pontos. Para se achar, siga os ratinhos. Para se perder, afaste-se deles.

## **2 O que Hamelin guarda?**

A cidade de Hamelin que me interessava – a antiga e medieval – é muito pequena para os olhos de hoje. E é quase impossível se perder nela. Basta seguir as “Pegadas dos Ratos” – marcações pelos ladrilhos em forma de ratinhos – que você sempre sairá de um ponto e estará de volta a ele mais ou menos 01 hora depois, a depender de sua vontade e coragem de ir se desviando deste caminho seguro. E entre caminhadas seguras e desvios cada vez maiores, fiz o caminho dos ratos dez vezes, ora na companhia de padre Ludwig, ora sozinho, enquanto ele tirava suas longas sonecas no hotel.

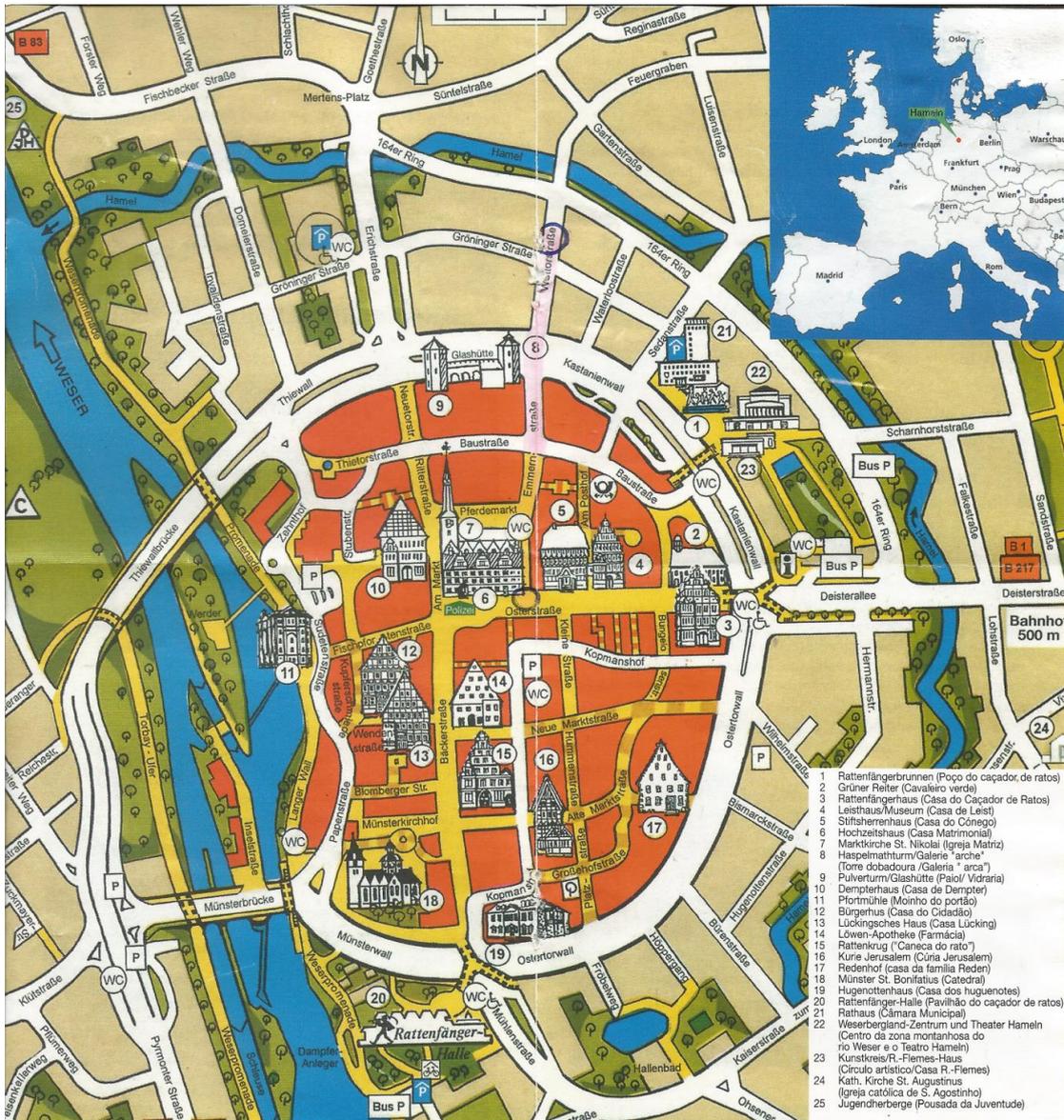


Figura 2 - Mapa que utilizei durante toda a minha imersão pela cidade de Hamelin.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Curiosamente, encontrei um mapa traduzido em português no centro turístico na entrada da cidade. A parte vermelha refere-se à cidade antiga, a Hamelin medieval. O cinturão no seu entorno é a parte moderna. Localizada às margens do rio Weser na Alemanha do Norte, a Hamelin antiga não era pequena para a sua época e constituía-se numa importante e estratégica rota comercial.

A cidade acorda tarde – não espere ouvir uma voz humana antes das 9 da manhã – e dorme muito cedo – não espere tomar uma xícara de chá fora do hotel depois das 20

horas. As ruas são silenciosas, vazias, quase não há moradores, parece mais habitada por funcionários dos empreendimentos e instituições locais, a população parece ser formada em sua maioria pelos turistas que visitam a cidade.

Hamelin respira e vive da lenda que a tornou famosa e que é mundialmente conhecida: a chegada do flautista misterioso e o desaparecimento traumático de cerca de 300 crianças, filhos da cidade e nunca mais encontrados.



Figura 3 - A imagem mais antiga do flautista, copiado das janelas da Market Church em Hamelin (c.1300-1633).

Fonte: Imagem em domínio público.

A versão mais conhecida da lenda – entre tantas outras possibilidades inquiridas, suspeitadas e inventadas – está representada numa instalação no museu da cidade, o Leisthaus Museum, primeiro local que visitei e que retrata os sapatinhos deixados para trás pelas crianças rumo ao seu desaparecimento de Hamelin. Contrariando a ordem do funcionário do museu, aproveitei um momento de distração do mesmo para fazer uma foto, dado o meu deslumbramento. Àquela altura e depois de algumas desventuras, eu já

havia aprendido que viajar-investigar é deixar de cumprir algumas regras, infringir algumas leis e colocar-se, mesmo que por um curto tempo, na condição de um fora da lei, um forasteiro.

Em 1284, a cidade de Hamelin estava sofrendo com uma infestação de ratos. Um dia, chega à cidade um homem que reivindica ser um "caçador de ratos", dizendo ter a solução para o problema. Prometeram-lhe um bom pagamento em troca dos ratos - uma moeda pela cabeça de cada um. O homem aceitou o acordo, pegou uma flauta e hipnotizou os ratos, afogando-os no rio Weser.

Apesar de obter sucesso, o povo da cidade abjurou a promessa feita e recusou-se a pagar o "caçador de ratos". O homem deixou a cidade, mas retornou várias semanas depois e, enquanto os habitantes estavam na igreja, tocou novamente sua flauta, atraindo desta vez as crianças de Hamelin. Cento e trinta meninos e meninas seguiram-no para fora da cidade, onde foram enfeitiçados e trancados em uma caverna. Na cidade, só ficaram os opulentos habitantes e repletos celeiros e as bem cheias despensas, protegidas por sólidas muralhas e um imenso manto de silêncio e tristeza.

E foi isso que se sucedeu há muitos, muitos anos, na deserta e vazia cidade de Hamelin, onde, por mais que se procure, nunca se encontra nem um rato, nem uma criança. Seria aí a origem deste vazio e deste silêncio tão peculiar que você sente pelas ruas da pequena Hamelin.

Claro que existem muitas variantes desta lenda, mas temos aí a versão mais famosa e mais anotada, adaptada para cinema, TV e o teatro.

Tanto para as gerações de moradores de Hamelin, quanto para muitos historiadores, é consenso que, de fato, algo misterioso teria acontecido na cidade em 1284, no caso o desaparecimento das crianças. Já as razões para isso, as especulações são as mais diversas e, fora os habitantes da cidade, há pouco consenso sobre a chegada de um flautista mágico e misterioso. E é este mistério que agita e arrepia os pelos do viajante-pesquisador caminhando pelas ruas antigas da cidade, prestes a ouvir a melodia de uma flauta ecoando de alguma esquina distante daquelas velhas construções.

A razão que dá sustentação histórica a este acontecimento misterioso é uma inscrição antiga na parede lateral de minha segunda parada: a Rattenfängerhaus ou a “Casa do Caçador de Ratos” (onde funciona um excelente café, coisa rara de se achar

por aquelas andanças na Alemanha). Uma placa muito antiga e considerada autêntica pelos historiadores declara tristemente:

*“AD 1284 – no dia 26 de junho – dia de São João e São Paulo 130 crianças – nascidas em Hamelin foram levados para fora da cidade por um flautista vestindo roupas multicores. Após passar pelo Calvário, perto da Koppenberg eles desapareceram para sempre”*

É este artefato, esta marca na parede da antiga casa que tem gerado tantas especulações sobre o mistério de Hamelin e que produz na cabeça do viajante-pesquisador um misto de excitação, devaneio, medo, conexões várias que fazem a gente suspirar e concluir que valeu cada passo/ avião/ trem/ ônibus para estar aqui. O que teria acontecido a Hamelin? Onde foram parar suas crianças?



Figura 5 - Inscrição antiga na parede lateral da Rattenfängerhaus ou a “Casa do Caçador de Ratos”.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

E também você sente-se estranhamente conectado com os desaparecidos de todo mundo e suas famílias e entes queridos em sua busca. De repente, a Hamelin de ontem ainda é hoje, na história de cada rotina interrompida por um desaparecimento brusco, misterioso e sem rastro que levam a uma busca incansável e resignada, alimentada somente pela mais pura e cálida esperança. Diante da inscrição em Hamelin sobre o desaparecimento de 300 crianças em 1284, me vi conectado a cerca de 40 mil crianças que desaparecem por ano só no Brasil e suas famílias desesperadas<sup>5</sup>. Viajar é se conectar “transtemporalmente” e “transterritorialmente” à alma do mundo e à dor de todas as pessoas, em todos os tempos e lugares.

Apesar de não haver qualquer resposta para um fato considerado histórico, o Flautista de Hamelin e o caso do desaparecimento das crianças sobrevivem cobertos por estes véus de fantasias, misteriosos e encantamentos que caracterizam os contos de fadas, mesmo que as figuras do mágico, da “fada”, não estejam de fato presentes em muitas narrativas. Razão pela qual prefiro chamá-los alternativamente de “contos universais” e optar metodologicamente por um olhar transcultural na análise destas narrativas.

Fui-me debruçando sobre a lenda do flautista naquelas noites silenciosas na cidade de Hamelin, enquanto descansava os pés das andanças diárias, que pude reelaborar algumas ideias sobre os contos de fadas que passaram a pautar minhas investigações desde então.

## **5 Era uma vez... O “*fatum*” ou o Destino nos contos universais**

“O Flautista de Hamelin”, por mesclar elementos históricos e fantasiosos, em que realidade e fantasia imbricam-se de forma visceral, poderia ser classificado como uma lenda. Está também na lista dos grandes clássicos dos contos de fadas, tendo sido

---

<sup>5</sup> Dados do projeto Desaparecidos do Brasil. Disponível em:  
<<http://www.desaparecidosdobrasil.org/Home>>.

anotado em diferentes épocas, por muitos autores conhecidos e anônimos e ganhado diferentes versões e com variados desfechos.

É difícil fazer o enquadramento de uma narrativa como conto de fadas, já que dentro deste universo habita muitos outros mundos, como as lendas, os mitos, as fábulas, elementos históricos reais, tradição oral, etc. O que é então um conto de fadas?

Penso não ser possível uma definição fechada, pois sempre se encontrará uma ou outra narrativa que transborda e atravessa a fronteira de um conceito. Mas, debruçando-se sobre a narrativa de “O Flautista de Hamelin”, é possível inferir algumas características destas narrativas. Estas, geralmente:

- Apresentam personagens fantásticos do folclore;
- Via de regra, apresentam magia ou encantamentos (o maravilhoso);
- Mesclam-se a outras narrativas folclóricas, como as fábulas, lendas e mitos;
- Seu núcleo problemático é existencial (o herói ou a heroína buscam a realização pessoal);
- Os obstáculos ou provas constituem-se num verdadeiro ritual de iniciação para o herói ou heroína;
- Universalidade e sua vizinhança com a infância;
- Elevada carga afetiva;
- Calcadas na cultura oral: trata-se de contos populares, de uma tradição anônima e coletiva, transmitidos oralmente de geração a geração e transportados de país em país;
- “Versão original” imprecisa: geralmente a data do registro de um conto de fadas é sempre muito posterior ao tempo em que este sobreviveu na tradição oral, passando de geração em geração, sem um registro escrito.

Tenho optado pela expressão “contos universais” por algumas razões: primeiro, porque nem sempre se chamaram “contos de fadas”. Este termo foi historicamente determinado. O nome “conto de fada” foi concebido pela primeira vez por Marie-Catherine d'Aulnoy no final do século XVII, que universalizou o termo.

Segundo, porque nem toda narrativa traz na sua centralidade o elemento do maravilhoso, do mágico ou da fada, mesmo que esta seja uma característica recorrente nos contos universais. Cito, por exemplo, o conto “A Esperta Gretel”, anotada pelos irmãos Grim, em que você não encontra nenhuma manifestação do sobrenatural na história. Foi partindo desta percepção que passei a traduzir a ideia da “fada” de forma ampla, como o “*fatum*”, o destino, o fado. Seja ele sobrenatural ou não. Ou seja, penso que o conto é “de fada”, porque em algum momento de sua estrutura narrativa algo ou alguém representará uma mudança no destino da heroína ou do herói. Miraculoso ou não, este “algo ou alguém” será a fada-*fatum*, ou seja, aquele ou aquilo que muda os destinos, esteja personificado na figura de uma fada-madrinha ou não.

Por fim, “universais” porque no miolo de cada conto de fada encontramos inquietações humanas universais, relações de poder, vida e morte, felicidade e angústias que tocam os corações humanos desde o começo dos tempos. Segundo Karin Hueck (2016, p. 12), “por trás dos enredos simples, estão narrativas sobre a vida e a morte, alegria e tristeza, conquista e derrota, que falam diretamente com o nosso mundo interior”. Mesmo quando trazem nas suas origens versões muitas vezes sangrentas e violentas, os contos de fadas tem o poder de sacudir nossa percepção do mundo e da caminhada da humanidade nele.

Por estas razões, os contos universais são também imortais. Nunca morrerão e estão sempre retornando, redescobertos e reinterpretados através da dança, do teatro, da pintura e muito recentemente, com força total nas produções cinematográficas hollywoodianas.

São estas mesmas razões que preservaram a lenda do “Flautista de Hamelin” até os nossos dias e que mantém a cidade de Hamelin viva e sempre lembrada, para além da articulação desta narrativa com a indústria do turismo.

## **6 O que aconteceu às crianças de Hamelin?**

No segundo dia de imersão, refazendo novamente a “Pegada dos Ratos” me dirigi ao rio Weser onde, conforme a lenda, os ratos teriam se afogado mediante o

encanto do flautista maravilhoso. O rio permanece testemunha ocular, porém silente deste mistério. No caminho, pudemos visitar algumas igrejas no entorno, acompanhar o trabalho de artesãos numa magnífica fábrica de vidro artesanal e conhecer o “Pfortmühle” (Moinho do Portão). Nestas andanças, nos debruçamos a pensar sobre as diversas teorias, lendas e conspirações em torno de uma questão enigmática para a cidade de Hamelin: o que teria acontecido às crianças naquele fatídico dia 26 de junho de 1284?

A questão não é nova e já suscitou muitas tentativas de respostas, das mais plausíveis às mais estrambólicas, que só servem para atizar ainda mais o mistério e o espírito de aventura que se apodera de quem decide mergulhar por Hamelin.



Figura 6 - Mirada sobre o rio Weser.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Uma revisão por pesquisas já realizadas nos dão conta de algumas teorias:

- A lenda seria a representação de um *serial killer* ou um pedófilo que teria aterrorizado Hamelin e assassinado suas crianças. Há ainda a tese de que teria sido a própria cidade que teria vendido seus filhos para um mercador misterioso e, tardiamente, consciente da gravidade deste fato, teria inventado a famosa lenda do flautista como um mecanismo para lidar com a vergonha e a culpa comunitária.

Tentei conversar com o funcionário do museu de Hamelin sobre estas teorias e ficou muito evidente um mal estar. Não insisti, pois percebi que Hamelin estava sendo tão generosa comigo que não me senti no direito de importunar quem vive nesta e desta cidade com “teorias” que ferem o imaginário coletivo do lugar. Optei então em seguir a trilha do viajante e não me tornar o forasteiro, *persona no-grata* por querer tocar em questões que são caras ou delicadas àquela cidade. Poderia ter trilhado caminhos outros me fazendo forasteiro, mas senti que não valeria a pena, pois nesta viagem estava comungando da alma e do espírito daquela cidade. E esta comunhão era a verdadeira e única riqueza de estar em Hamelin.

- Seria uma metáfora para as epidemias que dizimavam populações inteiras na Idade Média, como a peste, e das quais as crianças estariam mais vulneráveis;
- A lenda encobriria todo um processo de migração para colonizar outras regiões da Europa, onde algumas cidades emprestavam seus filhos para começar de novo a vida em outros lugares;
- Seria uma referência à Cruzada das Crianças e que tristemente representou a morte e escravidão de centenas de crianças.

Ainda pouco estudadas, principalmente pela dificuldade de acesso a fontes seguras, a primeira cruzada das crianças teve início em 1212, quando um grupo de crianças pobres liderou milhares de camponeses, mendigos e doentes. Eles cruzaram a

Europa com a intenção de chegar à Terra Santa, em Jerusalém. Essas crianças partiram de alguns locais da Alemanha e da França, mas infelizmente a maioria dessas crianças não voltou para as suas casas. Muitas foram sequestradas ou escravizadas no meio do caminho e muitas outras acabaram morrendo de frio ou de fome.

Existem outras teorias, mais fantásticas, porém com algum lastro em acontecimentos históricos passíveis de múltiplas interpretações. Podemos citar duas, que valem pela delícia do devaneio e da especulação, afinal viajar também é isso!

- A figura do flautista, com sua música encantada e roupas coloridas, seriam uma referência para os episódios de “Epidemias de Dança” registradas na Europa nos séculos 13 e 17.

Você não leu mal, caro leitor. Pessoas dançaram até morrer. Trata-se de um dos episódios mais estranhos e inexplicáveis da História Medieval. O caso mais famoso é o de Frau Troffea, na França, em 1518: ela começou a dançar sozinha e sem música no meio da rua. A princípio, ela foi encorajada por palmas e gritos, mas não demorou muito para perceberem que havia alguma coisa errada. Troffea não parava de dançar. E continuou com os movimentos rítmicos durante seis dias.

O comportamento estranho começou a espalhar-se e, em uma semana, 34 pessoas estavam dançando também. Em um mês, o número chegou a 400 pessoas que dançaram até a morte de alguns por exaustão ou ataques do coração. Um jornal da época informou que 15 pessoas chegavam a morrer por dia. E muitos outros casos foram registrados.

Ainda sem muitas explicações, especialistas interpretam os casos como um episódio de histeria coletiva, provocado pelas duras situações de vida das populações neste período, acossadas pelas pestes, guerras e miséria. O historiador John Waller, da Universidade Estadual de Michigan (EUA) lançou em 2009 o livro *A Time to Dance, a Time to Die* (Tempo de Dançar, Tempo de Morrer) em que relata e tenta explicar estes fatos. Apesar de não haver uma explicação definitiva sobre estes fatos, o historiador considera “incontestáveis” estes acontecimentos. Versões do conto com a figura do flautista encantando especialmente às crianças seria uma metáfora destes

acontecimentos misteriosos.

- Abdução ufológica.

Onde tem boas e misteriosas histórias, não pode faltar ETs e discos-voadores. Logo, uma “tese” de que as crianças de Hamelin foram abduzidas de fato existe, respaldada por outros dois acontecimentos misteriosos. O “caso Nuremberg”, Alemanha (4 de abril de 1561) e o “Caso Basel”, Suíça (7 de agosto de 1566) são o registro de duas manifestações de objetos luminosos e misteriosos no céu, até a presente data sem uma explicação científica coerente. Para fazer do homem misterioso, com roupas coloridas com um artefato mágico em forma de flauta um ser de outro mundo abduzindo crianças, foi um pulo.

Hoje a teoria mais provável e assertiva sobre o destino das crianças de Hamelin é a da “imigração”. Esta “teoria da imigração” sugere que as crianças foram vendidas para um recrutador da região do Báltico da Europa Oriental, numa prática que não era incomum na época. No ensaio “Pied Piper Revisited”<sup>6</sup>, Sheila Harty afirma que os sobrenomes da região são semelhantes aos de Hamelin, e que a venda de filhos ilegítimos, órfãos e outras crianças que a cidade não poderia suportar é a explicação mais provável. Ela afirma ainda que isso pode explicar a falta de registros do evento nas crônicas da cidade. Assim, a explicação para o desaparecimento dos filhos de Hamelin pode ser a mais simples e que vem no sentido de atender a questões sociais muito específicas daquela época: a necessidade de povoamento de regiões isoladas da Europa.

Não pude deixar de sonhar com nenhuma destas possibilidades, de me permitir desprender-me de minha pretensa exatidão e rigor científico numa pesquisa sobre o Flautista de Hamelin ao ouvir estas “explicações”. Viajar é desterritorializar-se de si mesmo e esse movimento é por si só onírico e aberto à descoberta de outros mundos, inclusive os improváveis, imaginários, impossíveis, loucos... Adianto: se você não estiver disposto a este descolamento para ficar à deriva por estas outras (im)possibilidades, recomendo não escolher Hamelin como destino de sua própria viagem. Lá, o sonho precisa ter espaço garantido na sua mochila.

---

<sup>6</sup> Harty, Sheila. Pied Piper Revisited. In: **Education and the Market Place**. David Bridges and Terence H. MacLaughlin (Eds.). London: Routledge, 1994, p. 89.

## **7 Aprendizados das andanças: um viajante transforma-se na viagem e a viagem por sua vez o transforma para sempre**

Na véspera do encerramento da minha imersão por Hamelin seguindo as “Pegadas dos Ratos” nos reunimos junto com centenas de outros viajeiros na Hockzeitshaus (Casa Matrimonial) ao lado da Igreja Matriz (Marktkirche St. Nikolai) para assistir a um tradicional musical<sup>7</sup> sobre a versão clássica da lenda do flautista e que encerrou com uma magnífica apresentação de sinos e teatro de figuras.

Mesmo sem entender uma vírgula do texto e das letras das músicas, peguei-me com o coração completamente embargado de emoção e lágrimas copiosas escorriam do meu rosto. Era uma emoção coletiva e todos que estavam ali, vindo de muitas partes do mundo, partilhavam desta mesma comoção.

Ao final da apresentação, o prefeito da cidade e a responsável pelo departamento de cultura em Hamelin vieram ao palco agradecer aos visitantes e entregar flores para o elenco. Soube então que isso – apresentações e agradecimentos – acontecem religiosamente todos os finais de semana. A cidade agradece a todos que atendem o chamado misteriosamente do flautista para seguirem as pegadas dos ratos pelas suas ruas e fazerem suas descobertas. Havia mais que turismo envolvido ali, até porque a cidade é bastante barata e paga-se pouco por quase tudo. Hamelin é uma cidadezinha que recebe, abraça e agradece.

---

<sup>7</sup> O espetáculo é “RATS” Musical. Informações sobre o trabalho e a companhia podem ser encontrados em: <<https://www.hameln.de/en/thepiedpiper/rats-musical-on-wednesdays/about-rats-musical/>>.



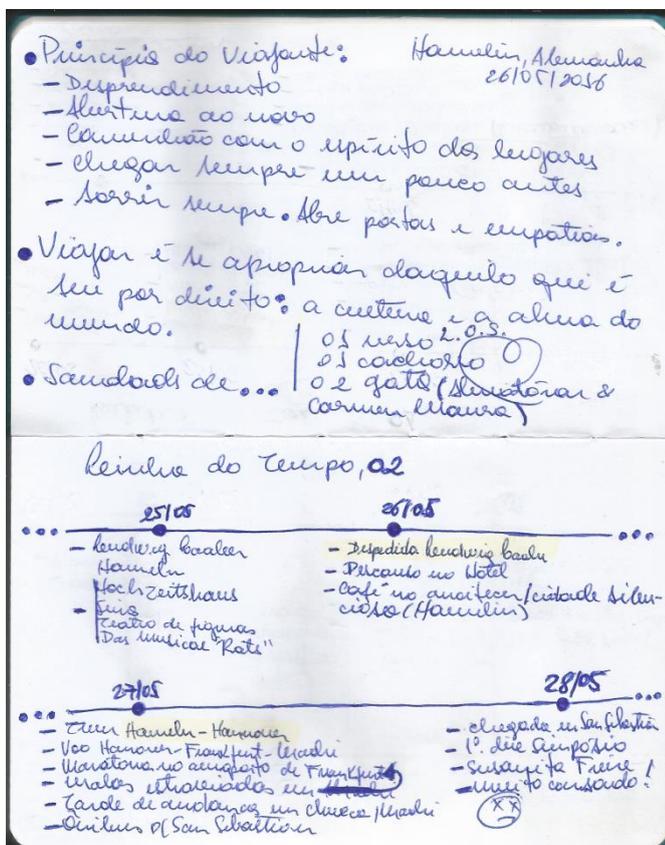
Figuras 7, 8 e 9 - Encontros e celebrações em Hamelin e o espetáculo RATS Musical.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Havia o sentido de deslocamentos, encontros de mundos, permitir-se sonhar, havia o sentido profundo da autodescoberta. Chorávamos de gratidão por tudo que Hamelin havia nos dado. E a cidade agradecia-nos, na mais plena convicção de que enquanto houvesse viajeros pelas suas ruelas buscando os traços de uma lenda perdida, aquela pequena cidade da Alemanha do Norte não morreria legada ao esquecimento.

O meu amigo e guia padre Ludwig Laaber teve que retornar mais cedo para Viena e eu fiquei uma tarde e uma noite sozinho em Hamelin, completamente à vontade, pleno e feliz. Caminhei até muito tarde da noite, absolutamente sozinho e em silêncio pelas suas ruas semi-iluminadas.

Antes de partir na estação de trem, tentei fazer um levantamento, no meu diário de viagem, dos principais presentes que Hamelin me dera. Foram alguns e tão ricos, que me senti pequeno por quase nada oferecer àquela cidade, além de minha própria presença.



**1 - DESPRENDIMENTO:**

Viajar em pesquisa requer um forte espírito de abertura: não importa o quanto você tenha pesquisado, acumulado, lido e construído suas convicções.

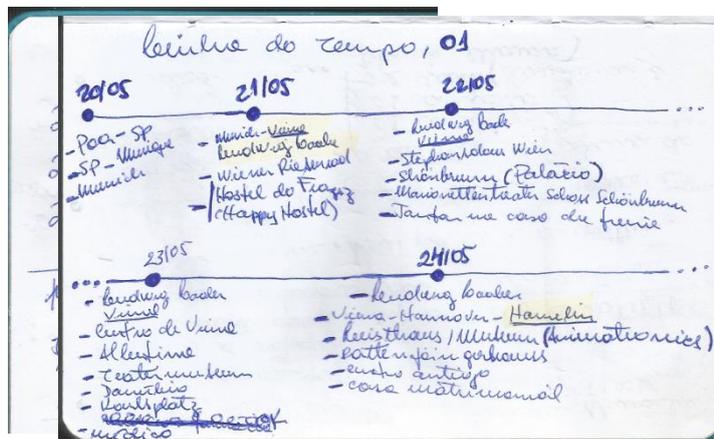


Figura 10, 11 e 12 - Algumas páginas do diário de viagem: o clima em Hamelin, linhas do tempo e tópicos de aprendizados e de saudades.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

É preciso deixar seus contornos moles, fluídos, para que os lugares possam remodelá-los, reconfigurá-los. Se não for pra ser assim, nem vale a pena pôr o pé na estrada. É preciso muita vontade e coragem para deixar modificar os contornos das próprias fronteiras e retornar para seu ponto de origem/ partida como um novo território.

**2 - ABERTURA AO NOVO:** Tudo pode te acontecer. E sempre algo novo e diferente acontecerá. É preciso está atento. Faça sempre um diário de bordo. Tempos depois, sua memória sempre trará à tona alguma imagem, ideia, pensamento, devires, devaneios, etc que ficaram cristalizados nas entrelinhas dos seus escritos de viagem. Escrever enquanto viaja é fundamental.

**3 - COMUNHÃO COM O ESPÍRITO DOS LUGARES:** Há um élan que nos assalta e nos conecta com o espírito dos lugares numa viagem e que estranhamente nos conecta à humanidade inteira. É preciso libertar-se da sensação de estranhamento o quanto antes para um estado de reconhecimento, de permitir-se guiar por estas ondas, seguir outros caminhos que elas nos apontam, sair do mapa e do planejamento. Viajar é se permitir esta comunhão com o Todo.

**4 - CHEGAR SEMPRE UM POUCO ANTES:** Nas minhas andanças pela Europa naquele ano perdi e recuperei bagagens, tive dificuldades em aeroportos e imigração, me perdi e me achei várias vezes. O que sempre me salvou foi chegar um pouco antes em cada lugar para, refeito do impacto do imprevisto, ter as condições de reconfigurar minhas vontades e refazer os caminhos. Chegar antes sempre permite um tempo para sentar diante de uma xícara de café e observar. E este estar parado pode ser tão rico quanto o caminhar.



Figura 13 - Com o padre Ludwig Laaber, amigo, guia e tradutor.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

**5 - SORRIR SEMPRE:** Como se virar quando se está sozinho, não falar a língua local, perdido ou realmente encrencado? Esta viagem foi importante para exercitar a linguagem humana mais universal: sorrir. Com o sorriso, expus minha fragilidade e desarme o guarda com quem não me entendia, a atendente indiferente do aeroporto quando por duas vezes perdi conexões por atrasos de voos das companhias, conquistei o garçom sem vontade, fiz muitas amizades de uma hora, um dia, uma noite, dias, eternas. Sorrindo e gesticulando “conversei” por uma hora com uma artista norueguesa num ônibus que nada sabia português e eu nada sabia de sua língua local. O sorriso é o passaporte mais eficaz para o viajante-pesquisador que se desloca para encontrar outros mundos. É a flauta mágica que tudo arrebatava para si. Na sua próxima viagem, inclua no seu planejamento sem moderação!

## REFERÊNCIAS

GRIMM, Jacob e GRIMM, Wilhelm. **Contos de Grimm** (contos de fadas) – obra completa. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

Harty, Sheila. Pied Piper Revisited. In: **Education and the market place**. BRIDGES, David; MACLAUGHLIN, Terence H. London: Routledge, 1994.

HUECK, Karin. **O lado sombrio dos contos de fada**. São Paulo: Abril, 2016.

WALLER, John. **A time to dance, a time to die: the extraordinary story of the dancing plague of 1518**. Cambridge: Sourcebooks, 2009.

[Recebido: 28